

APRESENTAÇÃO DE UMA DAS MUITAS TESES

APRESENTAÇÃO DE UMA DAS MUITAS TESES

A comunidade quilombola de Conceição das Crioulas | fica no Brasil | no Estado de Pernambuco, | no Município de Salgueiro. ||

A comunidade é também conhecida nos quatro cantos do mundo, desde 2001, pelas suas bonecas de fibra de caroá. Elas são lindas! E cativam o olhar até do mais distraído, | mas quando alguém realmente decide “perder-se nas horas” para ouvir a história que cada boneca carrega consigo, | a boneca só não chega – é preciso fazer o pé à estrada e ir até lá, ver o território | fazedor de histórias, de vidas, de saberes, | é preciso ir à procura do outro, ou devo dizer à procura de si próprio? | Foi o que aconteceu com um amigo de uma amiga que é amiga de um amigo meu, que encontrando | essas lindas bonecas numa banca de artesanato da Conceição das Crioulas, decidiu | mudar o rumo da sua viagem e dar um saltinho à comunidade, | acabando por ficar ali uma semana, fotografando e | até fazendo oficinas com as crianças... “Elas estavam todas ali, porque não!?” | -Depois, procurei encontrar vestígios dessa passagem do fotógrafo pela comunidade, | mas na Conceição é tão normal aparecer alguém, que por qualquer motivo | precisa de estadia, acaba por ficar mais um dia, anda por lá, | conversa, tira fotografias, dá oficinas, vive e | segue o seu caminho... por isso, não sei quem é aquele amigo da amiga que é amiga de um amigo meu. Mas existem uns amigos | que a comunidade não esquece, porque uma vez | feito o caminho nunca mais se cansaram | de o repetir... num ir e voltar, e voltar | a ir e ir a voltar... é o Identidades, | por isso perguntar pelos portugueses da Conceição muda todo o sentido da presença dos Portugueses no Brasil. Passem lá e falem de Portugal ou do Porto e vão ouvir imediatamente, | Conheci Paiva? | E Tiago? | Conhece Helena, né!? E ela já casou? | Cadê Carla, do cabelão? | Lembro muito Rita, sabe? | Iva vem quando? | E André, não vorta mar não? Tem aquela minina que teve cá uma vez... | comé qué o nomi dela, ah Tatiana | E tem Cátia! É mermo. | Joana, lá no Sítio Paula | Lembra Zé, sempre com o seu café... | E aquele negão de Moçambique? Rogério. | Teve um ano em que veio o crioulo dançante, Toni Cabo verdiano. Quanta saudade! Como vai todo o mundo? | Ouvei dizer que eles lá moram todos juntinhos, viu!? | O Identidades e a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas conhecem-se desde 2003 e é sempre a somar, ano após ano, a amizade... ||



Fotografia: Adriana Oliveira.

De maneira que, em 2012 toda a gente já sabia que eu estava a fazer as malas para passar uma boa temporada na comunidade, que me lembra de andar de pé descalço, na luta, | desafiando o que é tido por adquirido, colocando em causa as histórias que ninguém jamais ousa questionar. E que desde 1995 | o fazem dentro da própria escola pública, conquista gradual pelo direito à educação escolar quilombola. | vídeo | Pausa. Toda a envolvimento que o Identidades e a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) me possibilitou de realizar com a comunidade, fez com que na minha mala eu preparara um conjunto de aprendizagens que havia obtido até então | que eram, e continuam a ser, muito importantes, estudos sobre currículos escolares, | levantamentos científicos sobre pedagogias diferenciadas, | leituras sobre a Lei de Bases enquanto estratégias políticas para lutar pelo direito à educação diferenciada e para pesquisar aprofundadamente a construção do Projeto Político Pedagógico Quilombola (PPP_Q), sendo que o meu objetivo era entender | mecanismos na ação de formação de professores e professoras quilombolas para entender a implicação das artes na construção de um currículo diferenciado. | Mas viver lá não é tanto ir em busca do outro, é ir em busca de si próprio, | não é observar o outro é observar-se sobretudo a si próprio e foi quando percebi, ao fim de algum tempo | (penso que foi quando o computador queimou e perdi 3 meses de registos) que o que era mesmo preciso era | lutar com a minha essência, era a entrega, porque como refere a Diva | “quem está dentro no viver, no fazer...” sabe que não dá para separar |

o corpo que vai à escola, da vida pela luta do território | da alma que respira e transpira pela resistência da cultura de um povo. | E que isso sempre acontece com outros corpos, outras vidas, outras almas. | |

De maneira que a minha tese | que se baseava em muitas linhas cheias de tabelas e objetivos predefinidos esqueceu-se de mim, e sempre acabava por me devolver | isto | e muitas estrelas | E visitantes madrugadores | muitas histórias | E sementes de mucunã | e isto | de caroá | e mais tinta de aroeira para pintar | E mais barro para meter as mãos | ou o corpo todo | e passarinhos njingiritane que me vieram segredar aos ouvidos que tudo isto é educação... | que a escola e a comunidade é uma só | ou que a escola é apenas mais um espaço de encontros e partilhas e aprendizagens... e que desde a infância a escola crioula | trabalha um currículo artístico na medida em que ao viver na Conceição pude confirmar que o que existe é constantemente um ato criador, | de autor perante os meios, as ideias, os recursos, as técnicas, a repetição | com o algodão | com a história | e com o território | Aos poucos percebi, que se eu estava implicada, porque quem vive na comunidade implica-se, então eu só tinha que dar e receber, esse é, eu acho, o mais sincero da pedagogia crioula, dá o que tens, recebe o que estás pronto a receber. | Mesmo que ainda não estejas pronta, recebe e guarda, voltaremos a isso mais tarde | Não sou eu e tu que voltaremos a isso mais tarde é o próprio ritmo que determinará essa volta... | Foi aí, numa introspeção profunda que me mostraram que implicar as artes na construção do currículo diferenciado | é praticar metodologias, processos outros, | tão outros que nunca neles ouvira falar antes... | Foi então que o trancelim me tomou... | vídeo | “Essa minina tá fazendo educação artística porque ela é uma artista e está fazendo nas escolas quilombolas de Conceição das Crioulas porque a gestão da escola é assumida por educadores quilombolas que pertencem à comunidade” | Porque se não fossem quilombolas, acrescento eu, não pertencessem a essa cultura da fuga e da desobediência, | teriam querido que a educação artística que eu estivesse a fazer fosse aquela que qualquer pessoa poderia reconhecer como tal, | A educação artística convencional, convencionada... | Mas como permitiram outra coisa, aconteceu outra coisa. | Demorei algum tempo a assumir que não estava a fazer arte sozinha, mas com um grupo de pessoas | E que enquanto procuramos fazer arte todos os dias, juntos, estamos à procura de outra coisa... | de outra educação, de outra política, | de outra releitura do mesmo objeto, contando e recontando a história. | E se não conseguimos explicar o que fazemos, podemos perfeitamente mostrá-lo.

MÓNICA FARIA – Natural de Espinho, 1979.
Vive e trabalha no Porto desde 2000 e trabalha e
brinca no Brasil desde 2003.
Filha do metalúrgico Augusto e da tapeteira
Deolinda, ambos agricultores caseiros.
Amiga do Vítor Martins, companheiro de todas as
viagens, reais e imaginárias – do sonho, da arte,
da luta – desde 2001.
Desde 2017, investigadora no Laboratório de
Paisagens, Património e Território/Espaço e

Representação (Lab2PT/SpaceR) da Universidade
do Minho.
Desde 2018, professora convidada na Universidade
do Minho.
Sempre que pode promove oficinas com crianças.
Pinta, desenha, esculpe, grava, conversa, corta, tece,
escreve, ouve, passeia, brinca e dança.
Artista, enquanto a arte e a vida não existirem
separadas.